

Japão vai propor que o FMI seja mais flexível

MÔNICA MAGNAVITA

A reunião anual do Fundo Monetário Internacional, no dia 23, em Washington, pode marcar o início de uma fase menos ortodoxa do FMI. O Japão, por exemplo, está mais liberal e vai apresentar uma proposta para que o Fundo seja flexível nos novos acordos que firmar com os países em desenvolvimento, esperando com isso que o impasse da dívida externa destas nações seja, pelo menos, atenuado. Esta posição foi confirmada pelo Diretor Financeiro do Citicorp, maior credor do Brasil, em Tóquio, Koichiro Kitade, que veio ao Brasil especialmente para participar de um seminário promovido pelo Citi para apresentar aos clientes suas operações de **hedge** em moeda estrangeira e em taxas de juros.

Esta nova posição japonesa é uma mudança radical no perfil conservador tão característico do país e tem uma importância substancial, dada a potência financeira que é o Japão. Ainda assim, ela não foi suficiente para que, na liberação dos já anunciados US\$ 30 bilhões às nações em desenvolvimento, eles abrissem mão de um acordo desses países com o FMI. Kitade argumentou que o Fundo é importante na medida em que esses recursos só poderão ser repas-

sados através de agentes internacionais. O papel do Japão é o de assinar o cheque. E um deles, certamente, vem para o Brasil.

— Os japoneses estão muito interessados em investir no Brasil (eles são hoje o terceiro maior investidor externo no País, com US\$ 2,5 bilhões) — afirmou o Diretor do Citi, com a vantagem que se tornaram mais liberais quanto à utilização desses recursos.

Antes, para o empréstimo sair, era preciso uma comprovação do uso desses recursos. Agora não. Desses US\$ 30 bilhões, US\$ 3,9 bilhões serão investidos diretamente nos países; US\$ 2 bilhões irão para o Fundo japonês no Banco Mundial e US\$ 3,6 bilhões serão emprestados ao FMI. O Eximbank ficará com mais US\$ 3 bilhões.

Mas, o que deve ficar claro é que, se o Japão saiu à frente ao anunciar mais empréstimos ao Terceiro Mundo, ele não dará nenhum passo para tomar a liderança política das negociações com os endividados.

— Os japoneses estão satisfeitos com as atitudes do Comitê dos Bancos Credores e não pensam em agir independente das decisões do Comitê. Inclusive, só vão baixar a classificação do Brasil nos seus balanços no momento em que os bancos americanos fizerem isso — disse Kitade.